

EDITORIAL

Era uma vez...

Uma princesa que veio de longe, de além dos limites de uma fazenda. Uma princesa delicada que dormia à espera de seu príncipe encantado. Sonhava com a vida de sedas e joias e quimeras da Corte Imperial. Mas a força do destino fez ornar sua grinalda com hera e jasmim das terras capixabas. Longe do nobre infante, tudo foi ignorado e um destino obscuro, no processo divino, foi traçado. Partiu estrada afora, venceu pedras e pedregulhos porque a vida é exigente:

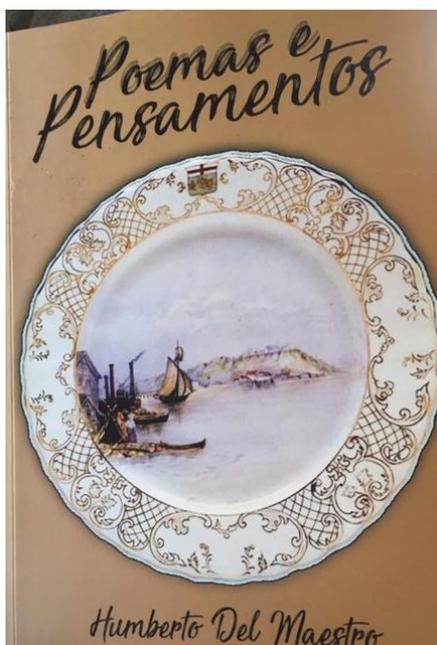
ALVINA

A vida se fez urgência, é preciso enfrentar!
Longe da Corte e dos pais, dispersa,
Viu a realidade rude que precisava dominar.
Ilhada com seu coronel, entre duetos e conversa,
No regaço de serra e montanhas, uma família ia formar.
A mão divina passa, e o cansaço dispersa.

Macia, serena, do bronze fez rendas e grinaldas.
Ardente com choro contido, nada a fez vacilar.
Só, como moeda de ouro perdida, garimpou esmeraldas
Com olhos de quem viu o céu de perto e mãos postas a orar.
As delicadas mãos, a cozinha de fogão a lenha enfrentou,
Receitas de pães e doces para todos, fez dourar
E na flébil arrulhar de rola cativa, cozinhou.
Na amplidão dormente, soluçada mágoa sufocada,

Há de se tornar fertilidade e posteridade.
A tradição se fez riqueza e na máquina de costura
Soava um sino risonho agora, da prosperidade.
Desde a raiz à fronde protetora, venceu a mulher
Enfrentando a costura que se fez mister.

Muitas roupas e camisas para o Coronel
E também para colonos, Sinhá costurou.
Nada a fez vacilar e em sua oração, e num vergel
Ela soube florir os anos e em êxtase se tornou
Zênite de nossas esperanças e de um novo porvir.
Esta rainha, anjo de nome Alvina, serenamente,
Saiu deste mundo para viver um outro melhor.
Sinceramente...



Este seu novo livro de poemas, Humberto, em versos soltos, agradou-me sobremaneira. Nada deve aos anteriores que escreveu, muito pelo contrário, e posso afiançar-lhe, consciência tranquila, que ele traz, em seu conteúdo, o "íntimo perfume do fascínio". Creio que, com esta pérola literária, galgou as escadarias e conseguiu abraçar as estrelas.

Do amigo de sempre

Dalmo Z. Sampaio

Regina Menezes Loureiro

COLABORADORES

VITÓRIA

*Vitória, eu te saúdo
Nesta data dadivosa,
Sei que há séculos existe
E hoje, é muito populosa,
Seus valores são infndios
Ilha, cidade garbosa.*

*Dia 08 de setembro
E o dia do aniversário,
Da cidade de Vitória
Assim diz o calendário,
Aqui a festa é bonita
Com seu lindo balneário.*

*Um dia fostes presépio
Com suas matas, serrados,
Quero cantar minha terra
Falar nos anos passados,
Onde com lutas e glórias
Teve dias coroados.*

*Navios partem do cais
Levando os nossos e os seus,
Levando os nossos produtos
E sempre nos dando adeus,
Nossa Vitória é um quadro
Que foi pintado por Deus.*

*Vitória tem muita graça
É uma joia do Senhor,
Terra mais doce do mundo
E tem perfume de flor,
Não é só ilha, é poesia
Vitória do meu amor!
Katia Bobbio*

OS ELEITOS DE DEUS

A longa história da humanidade nos mostra que, embora o homem tenha sido criado à imagem de Deus, muitos se esquecem das Leis Divinas, dos conceitos sobre a espécie humana, e se deixam levar pelo mal, formam verdadeiros covis de ladrões.

A maioria, felizmente, cultiva com carinho as sementes do amor, da bondade e do perdão que o Criador plantou em nossos corações.

Há alguns que, por excepcionais virtudes são chamados eleitos de Deus, são os Santos.

José de Anchieta podemos cognominar assim. Para esse grande beato, agora Santo José de Anchieta, em cada manhã, em cada dia vivido em graça e sabedoria, estava voltado unicamente para as coisas de Deus. Trabalhou e difundiu a fé por onde andou, por onde passou.

Viveu no Espírito Santo em 1587 até 1597 e aqui lhe são conferidos fatos extraordinários. O povo de Anchieta, onde o Santo viveu e onde entregou a sua alma santa e piedosamente a Deus é testemunha de sua santidade.

Verdade ou não, é a sabedoria popular que testemunhou: Anchieta se envolveu em vários casos sobrenaturais.

Conta-se que no dia de sua morte, enquanto o povo carregava o esquife com o corpo de Santo, um revoada de pássaros sobrevoava o caixão para fazer sombra ao Santo e seguiu até ao cemitério.

A Igreja já o canonizou.

O povo sempre o considerou Santo.

Maria José Menezes

PRECE

*Escuta, ó Deus, a minha prece aflita,
carregada de dor e de esperança,
pedindo-Te que Teu amor reflita
em mim, proporcionando-me a mudança*

*que me faça melhor... e, na desdita,
que eu não perca a fé, nem a confiança,
em tua auxiliadora mão bendita
que sempre me conduz com segurança.*

*Também Te peço pelos desgraçados...
Por aqueles irmãos embaraçados
nas dúvidas do humano caminhar.*

*Eu Te suplico, ó Pai, com a certeza
de quem encontra em Ti a fortaleza
nas horas mais terríveis do chorar.*

Matusalém Dias de Moura

A Mula Bebel

Autora: Neusa Jordem Possatti.

Passeio de charrete

Assim teve início nossa vida a três: o Zeca, a Irene, mulher dele e eu. O Zeca sempre levava capim cortado, milho e água fresquinha logo bem cedo lá no fundo do quintal, lugar que agora era o meu lar. Depois, com muito carinho, colocava o cabresto em mim, os freios, uma manta xadrez bem bonita e macia antes de assentar a charrete. Enquanto me arrumava bem arrumada para o trabalho, contava tudo o que iríamos fazer durante o dia: puxar areia, entulhos e tudo o que o freguês precisasse que levasse de um lado para outro.... afinal era da minha força no trabalho, que a família do carroceiro tirava o sustento.

No final da tarde, todo dia, a gente fazia um passeio de charrete, só nós três, para a gente se distrair um pouco. Bem... só se eu não estivesse exausta do trabalho, o Zeca deixava isso bem claro.

Que nada! Passear com o meu novo dono e a Irene era muito divertido e todo mundo na rua queria dar uma voltinha, mas ele sempre cuidava, para eu não me cansar demais. Tá aí uma coisa que aprendi de cara com o meu amigo: cuidar de quem a gente gosta.

Quanto vale uma mula e uma carroça?

Pois é, o meu amável novo dono me ensinou uma porção de coisas, uma delas que eu achei muito importante foi sobre o valor das coisas. Naquela semana chovia bastante e quase não tinha serviço, o Zeca andava desanimado, a Irene estava brava com a chuva que não queria ir embora e aconteceu o que eles mais temiam... o meu antigo dono, aquele do início da história... aquele da cara feia... ele mesmo, apareceu para cobrar a prestação. E cadê que o meu amigo carroceiro tinha?! Quando chove não tem trabalho, sem trabalho sem dinheiro para pagar as prestações... eu bem que tentei acalmar o Zeca depois que o cara feia saiu porta afora dizendo que ia me pegar de volta, junto com a charrete. O meu amigo primeiro ficou furioso, depois ficou abatido, a cabeça baixa com jeito de quem ia chorar. Morri de dó. Mas, o que eu podia fazer? Bem, eu nada, mas a mulher dele, que ouvia uma emissora de rádio local, teve uma idéia brilhante. Participar de uma promoção da rádio FM, que oferecia o pagamento para a dívida do ouvinte. Irene sentou no diante do computador, na casa da vizinha e escreveu essa história que estou contando para vocês. Ficamos esperando o resultado com os dedos cruzados e torcendo... torcendo...

Ah, sim! Lembrei, a gente estava falando sobre valores. Para o cara feia eu tinha um preço... para o Zeca eu tinha valor!

Recanto dos Poetas

Por Edy Soares

Assunto de Hoje:

Trova e Literatura

Com Arlindo Tadeu Hagen

Trova Literária

A trova é uma composição poética de quatro versos setessilábicos, rimando o primeiro com o terceiro e o segundo com o quarto versos e com sentido completo.

Analisada assim, de uma forma apressada, há quem possa considerá-la sub-literatura, pela pequenez de tamanho e forte apelo popular. Entretanto é justamente o contrário: para exprimir um pensamento criativo em tão pouco espaço e exigências de métrica e rima, quem a faz deve ter pleno domínio da literatura.

Afinal, a trova, burilada nos últimos 54 anos de existência da UBT- União Brasileira de Trovadores- passou de popular a literária, sem perder a sua espontaneidade que cativa dos mais simples aos mais exigentes leitores.

Para se fazer uma boa trova é necessário talento pois que, sem ele, não se faz literatura de espécie alguma e conhecimento técnico, não só das regras de versificação, como também gramaticais. Uma trova, por mais simples que seja, não pode desprezar as regras de concordância verbal e nominal e outras exigências gramaticais que os que se aventuram pelo caminho da escrita devem sempre conhecer e seguir.

Os trovadores costumam se vangloriar da máxima que diz "todo trovador é poeta, mas nem todo poeta é trovador". Verdade absoluta! Porque se, aos modernistas do verso livre, falta o domínio usual da métrica e rima, também, a muitos adeptos do verso clássico, falta algo essencial que é o poder de síntese que a trova exige. É o mesmo que esperar que um bom romancista escreva também bons contos. Nem sempre acontece.

Por outro lado, é impossível se tornar um bom trovador sem ser um bom poeta. Em vez de escrever uma boa trova, no máximo, reunirá quatro versos rimados com algum sentido.

Grandes literatos, poetas e compositores, se dedicaram à trova em algum momento de suas vidas. Nem todos se tornaram bons trovadores. Alguns são citados mais pela curiosidade que seus nomes despertam. Uma exceção é o célebre compositor Noel Rosa que escreveu:

O luto preto é vaidade
de quem se veste a rigor.
O meu luto é a saudade
e a saudade não tem cor.

Uma bela poesia com todos os componentes exigidos para assim caracterizar uma "linda trova perfeita", como Ademar Tavares, que pertenceu à Academia Brasileira de Letras, bem disse:

Ó linda trova perfeita,
Que nos dá tanto prazer!
Tão fácil depois de feita,
tão difícil de fazer...

Por tudo isto é que a trova, desprezada por quem não a conhece, amada por quem se debruça sobre ela, recebeu este comentário do ilustre escritor Jorge Amado:

"Não pode haver criação literária mais popular, que fale mais diretamente ao coração do povo do que a trova. Por isso mesmo, a trova e o trovador são imortais."

ARLINDO TADEU HAGEN
Presidente em exercício da UBT
União Brasileira de Trovadores